



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 90

Tem alguém me seguindo

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

O que as duas histórias dessa semana têm em comum é uma sensação.

Aquela sensação na nuca, na boca do estômago... de que tem alguém no seu encalço. Alguém te espiando, te acompanhando, te observando.

A sensação de que não importa pra onde você for, você não tá a salvo. Na primeira história de hoje, essa sensação vai chegando aos poucos – e quando a pessoa se dá conta, o mundo dela já é outro.

Quem conta essa história é a Marie Declercq.

ATO 1 - SEMPRE DE OLHO

Marie Declercq: Oi.

É assim que começa a história que eu vou te contar hoje. Com um oi. Um oi enviado no chat do Facebook pra Carolina.

Carol Garofani: Contando essa história agora ela é a mesma, por mais que seis anos tenham se passado, é eu um terror tão profundo, que isso alterou o meu comportamento pessoal e nas redes para sempre.

Marie Declercq: Eu conheci a Carolina Garofani um tempinho atrás pelo Twitter. A Carol mora em Curitiba, é confeitadora e usa as redes sociais há muitos anos pra falar sobre a profissão dela – a gastronomia.

Carol Garofani: Eu sempre tive uma presença grande na internet... guardadas as devidas proporções de hoje em dia, mas eu sempre tive blog, sempre tive site, sempre colaborei escrevendo pra um monte de lugares e era muito fácil me achar.

Marie Declercq: Em 2008, um cara achou ela. Não era alguém completamente desconhecido. Ele era o namorado de uma amiga de faculdade.

Carol Garofani: E era uma pessoa da turma, assim, que eu via muito de vez em quando. Sabe aquelas pessoas que a gente tem adicionado numa rede social, mas não é assim um amigo com quem você conversa? E a história toda levou uns bem uns dez anos, porque depois que ele terminou– ele e essa minha amiga terminaram, ele passou a vir conversar comigo com uma certa frequência, mas eu não conversava com ele. O que ele fazia era ficar me mandando "ois" já na época do Facebook todos os dias.

Marie Declercq: A Carol deixava o cara no vácuo. Mas ele não desistia. Era só ela entrar no Facebook que piscava o chat dela.

Carol Garofani: Se ele me visse online – porque dava para ver a pessoa online –, ele mandava "oi".

Marie Declercq: Todos os dias eram assim: oi, oi, oi, oi.

Carol Garofani: Eu até respondia, assim, por educação: "e aí tudo bem, e você?", e tal. Mas chegou um momento que ele ficou chato, e eu parei de responder. E eventualmente até cheguei a bloquear no chat, porque já era uma coisa que me incomodava. Mas ele era, assim, um chato na internet, um cara que talvez estivesse interessado em mim, e que eu não tava interessada, então não dei muita trela. E por muitos anos foi meio que isso. Até que o comportamento dele começou a escalar...

Marie Declercq: Não foi de um dia pro outro. Foi aos poucos.

Lá pra 2018... sim, 10 anos depois, a Carol já tava mais conhecida, por causa da confeitaria dela... E, toda vez que o nome dela aparecia em algum lugar, esse cara tava lá.

Carol Garofani: Ele tentava chamar minha atenção de alguma maneira, do tipo, comentando alguma coisa relevante – talvez pra

parecer o mais inocente possível. Mas era tão constante, era o tempo todo, era todo dia. Eu recebia um e-mail, e era sempre ele. Então era assim: "Ah, meu Deus, que chato! Mas ele não está fazendo nada demais. Ele é só um chato. Será que ele é um fã?" E por muitos anos foi isso, sabe?

Marie Declercq: Tem até nome para esse tipo de personagem na internet:

o "reply guy". O cara que responde. Que comenta em tudo que uma pessoa posta. Que reage a todos os stories. Que tá sempre ali... de olho. Era isso que ele fazia com a Carol.

Carol Garofani: Ele ficava usando uma linguagem que era sempre muito educada, mas era sempre um pouco condescendente, um pouco passivo-agressiva, do tipo: "quem você pensa que você é pra não me dar bola?"

Marie Declercq: Eu confesso que eu já achei isso bem agressivo-agressivo...

Carol Garofani: Mas era um cara na internet, né?

Marie Declercq: A Carol tava tentando se convencer de que era só isso.

Um cara chato na internet. Mas, quanto mais ela tentava evitar, mais ele insistia. E ele começou a dar um nó nas estratégias que ela tinha criado pra se proteger.

Carol Garofani: Ele fazia outras contas de Instagram e começava a me seguir, porque meu Instagram profissional é público e sempre foi. E eu via que era ele, e eu bloqueava. Aí ele fazia outro, só que ele fazia com o próprio nome. Então eu sabia que era ele. Só que depois de um tempo ele começou a fazer isso com contas com nomes aleatórios. Eu até dava um Google no tal do nome pra ver quem era, se era uma pessoa de verdade. E teve, assim, técnico de futebol. Teve um monte de coisas diferentes, e isso começou a acontecer todo santo dia, porque era sempre a mesma coisa. Era uma conta nova com o nome de um homem X. E imediatamente vinha uma DM, uma mensagem. Com uma pergunta, uma coisa que parecia muito inócua, mas eu sabia que era ele, porque o estilo de escrita dele eu já tinha aprendido a reconhecer. Ele é uma pessoa inteligente, ele escreve bem, mas ele tem um estilo de escrita que pra mim já era muito facilmente reconhecível, e eu sabia que era ele. Aí, o que eu fazia? Bloqueava. Aconteceu, eu acho que umas duas vezes, de eu não perceber e responder, porque era uma pergunta. Era um Instagram profissional, e claro que eu respondia. E daí, no retorno, eu sabia que era ele. "Putá, que burra! Não acredito que eu fiz isso." Eu ia lá e bloqueava de novo.

Marie Declercq: Teve uma hora que a Carol precisou desabafar com outras pessoas sobre esse cara. Com amigas, com parentes... e aí ela descobriu que não era só *nela* que ele tava de olho.

Carol Garofani: A minha irmã e umas amigas mais próximas começaram a falar assim: "Meu Deus, eu acho que eu sei quem esse cara, ele já pediu pra me seguir, tipo 15 vezes". "Nossa. Sério?" "Mas quem é esse cara? Ele já pediu pra me seguir". "Ele me segue." Daí comecei a descobrir que ele seguia a banda do meu irmão, ele ficava cercando todas as pessoas que pareciam mais próximas de mim ou que eram marcadas nas minhas fotos, ou que comentavam nas minhas coisas, principalmente se fosse mulher. E eu comecei a falar isso para as pessoas: "Olha, se esse cara adicionar vocês, começar a seguir vocês, interagir de qualquer maneira, me avisa".

Marie Declercq: Ao mesmo tempo, tinha gente que achava que ela tava exagerando. A maioria das pessoas, aliás.

Carol Garofani: As pessoas, a reação delas era dizer que eu estava sendo paranoica. E que já me incomodava muito, porque eu sou uma pessoa muito prática. Eu não sou ansiosa. Eu não sou de ficar criando. A gente sabe, quando a gente está ansioso com alguma coisa, a gente fica imaginando mil situações até impossíveis na cabeça. Mas eu não sou assim. E nesse momento eu estava: "Olha, isso está acontecendo. Eu não estou gostando. Esse cara está me deixando nervosa", e a maioria das pessoas, inclusive a minha psicóloga, falou para não deixar isso me dominar.

Marie Declercq: Tinha gente que dizia que o cara... só tava a fim dela.

Carol Garofani: "Ai, o cara tá apaixonado, deixa ele, o cara tem um crush em você", "Ai, você tá rejeitando o amor dele". Eu falava: "Meu, eu tô rejeitando sim, eu não quero, não quero esse tipo de atenção, não é bem vindo esse tipo de atenção".

Marie Declercq: Tipo: era como se a Carol tivesse que ficar lisonjeada do cara tá no pé dela. "Poxa, o cara tá a fim de você. Que mal tem nisso?"

Eu vivi uma coisa meio parecida quando eu era adolescente. Eu fui perseguida por um ex-namorado da escola. Nem sei se eu posso chamar de "namorado". Ele era um ficante, só. Ele era um pouco mais velho do que eu, e ficou inconformado quando eu disse que não queria mais ficar com ele.

E aí ele ficou um ano me perseguindo. No começo, ele ficava me esperando na entrada da escola. Depois, ele começou a criar contas falsas se passando por amigas minhas pra descobrir algum segredo meu.

Até o meu e-mail ele invadiu. E ficou pedindo fotos minhas nuas como "resgate". Ele só parou quando o meu pai entrou na história mandando ele parar.

Quando eu contava pras minhas amigas, eu falava que tava com medo, ninguém levava muito a sério. Ele só tava "apaixonado". Era "romântico".

Carol Garofani: É! Tipo isso, como se eu tivesse que me sentir honrada pela atenção dele e não. Não era isso. Até que ele me mandou um e-mail... muito estranho. Com um textão, falando um monte de coisas, e dizendo que meu marido era gay, e que se eu não achava que gays destruíam famílias e que a igreja isso... Era um texto bem grande, meio desconexo, e eu lembro que eu cheguei a tirar uma foto de tela desse e-mail e mandar pra umas pessoas do tipo: "Cara, olha o tipo de coisa que eu tenho que aguentar".

Marie Declercq: Ela mandou meio rindo, tipo "olha que saco esse cara chato".

Carol Garofani: E eu lembro que uma amiga minha falou assim: "Carol, isso não é engraçado". Foi a primeira pessoa que me falou: "Carol, isso não é engraçado".

Marie Declercq: Era uma coisa que já tava acontecendo há tanto tempo, que a Carol tava meio acostumada... ou fingindo costume.

Carol Garofani: Sabe aquela coisa, que a gente tenta minimizar um problema rindo? E ela falou: "Meu, não é pra rir disso."

Marie Declercq: Foi depois disso que a Carol começou a pensar que esse cara... esse chato da internet...

Carol Garofani: Bom, era na internet até então...

Marie Declercq: Que ele podia significar uma ameaça. Não era só um cara chato.

Carol Garofani: Eu não sei se eu considero um cara, porque pra mim ele é só meu stalker.

Marie Declercq: Foi por causa disso que eu conheci a Carol. Porque eu tava atrás de histórias de pessoas que foram perseguidas. De pessoas que tiveram um *stalker*.

Esse assunto sempre rondou a minha cabeça por vários motivos, mas ele voltou a aflorar depois que eu vi a série "Bebê Rena", que saiu na Netflix em abril de 2024.

O resumo, sem spoiler, é que a série conta a história de um comediante britânico que trabalha num bar... e que começa a ser perseguido por uma mulher.

Trailer - Bebê Rena

I think she needs help. She comes to my work, my house. She sends me emails, like, all the time.

Marie Declercq: Essa história foi baseada na vida do próprio criador da série, o Richard Gadd. Durante alguns anos, ele foi perseguido por uma mulher todos os dias. Ela aparecia no trabalho dele, nas apresentações de comédia, mandava email, mensagem...

E, por várias questões pessoais e legais, ele demorou um bom tempo pra entender o que estava acontecendo, e denunciar a situação. Quando você tá começando a ver a série, você sabe que tem algo problemático ali. Mas não tem como imaginar o quão pior fica. É tudo muito grave. Mas, no começo, você até dá uma risada ou outra.

Carol Garofani: Sabe aquela coisa que a gente tenta minimizar um problema rindo? "Não é pra rir disso."

Marie Declercq: Eu assisti a série inteira num dia só.

Depois de um certo ponto, é meio impossível parar. Dá uma sensação de que você precisa continuar, pra saber até onde aquilo vai.

Assim que eu terminei o último episódio, eu fiquei umas horas em silêncio, olhando pra tela do meu computador. Eu queria escrever alguma coisa sobre a série, mas não sabia exatamente o quê.

Aí eu perguntei no Twitter se alguém já tinha passado por esse tipo de situação. E a minha caixa de mensagens começou logo a apitar. 100% das pessoas que me enviaram mensagens eram mulheres... e a Carol foi uma das primeiras a me escrever.

Ela começou a olhar pra esse cara chato como um stalker só em 2018, quando as mensagens dele subiram de grau.

Carol Garofani: Tem muita coisa da época que eu realmente apaguei. Eu sei que um dia eu saí da terapia e voltei pra confeitaria, e eu nunca voltava, porque eu ia pra terapia só quinta-feira às cinco e meia da tarde. E eu nunca voltava, ia sempre direto pra casa. Mas eu tinha alguma coisa pra fazer. Voltei. Era um dia lindo, tava um pôr-do-sol lindo, e eu voltei num bom humor. E a orientação que eu dava pra minha equipe na confeitaria é que, se alguém chegasse perguntando por mim, era para dizer que eu não estava, porque acontecia com uma certa frequência, e acabava me atrapalhando um pouco. E só que nesse dia tinha uma menina nova, e ela chegou na cozinha e falou: "Carol tem um cara na frente que é teu fã, e falou que quer te conhecer, quer tirar uma foto". E eu estava de bom humor, e falei: "Tá bom, eu vou lá". E, na hora que eu saí, lá pra frente, era ele.

Marie Declercq: Depois de centenas de mensagens ignoradas, e-mails, contas falsas, e todo tipo de interação virtual pra tentar chamar a atenção da Carol... lá tava ele, em carne e osso, na confeitaria dela.

Carol Garofani: E eu travei...

Marie Declercq: A confeitaria tava lotada de gente...

Carol Garofani: Tinha fila no caixa. Tinha muita gente lá dentro.

Marie Declercq: E a Carol pensando: que que eu vou fazer agora?

Carol Garofani: Não podia dar um escândalo no meio da minha própria confeitaria, né?

Marie Declercq: Porque, pra qualquer pessoa sentada ali, ele era só... um cara.

Carol Garofani: E eu fui falar com ele, e falei: "O que você tá fazendo aqui?" Eu não sei quanto tempo durou isso, mas era de um lado eu falando pra ir embora, pra me deixar em paz, e de outro ele levantando um celular, dizendo que iria tirar uma foto comigo, e eu abaixava o braço dele, e falava: "Você não vai tirar foto comigo, eu não deixo, não autorizo você tirar foto minha, eu quero que você saia daqui, que você me deixe em paz, que você esqueça que eu existo", e tal. Só que parecia que tudo o que eu falava ele não ouvia.

Marie Declercq: Parecia que os dois não tavam falando a mesma língua.

Carol Garofani: Ele não entendia o que eu falava... porque ele tava com um sorriso no rosto, e ele só ficava falando assim: "Por que você

me ignora? Por que você não me dá bola? Você faz de conta que eu não existo? Por que você faz isso comigo?"

Marie Declercq: Ele disse que já tinha passado pela casa dela pra tentar achar ela várias vezes. Ele tava perseguindo a Carol fisicamente. Ela só não tinha percebido isso antes.

Carol Garofani: E daí eu fiz a besteira de chamar ele pelo nome – porque é óbvio que eu sabia o nome dele. E, no momento que eu falei o nome dele, ele mudou. Ele parou e me olhou muito sério. “Você sabe quem eu sou? Você sabe meu nome?”

Marie Declercq: Ele sacou que ele também tava sendo visto. Mas não foi medo que a Carol viu no olho dele. Ele nitidamente tinha gostado de saber que ela sabia quem ele era.

Carol Garofani: Aí eu gelei. Eu catei ele pelo braço, puxei ele, só fui andando e puxando. Abri a porta da confeitaria, botei ele pra fora e falei: "Me deixa em paz", e fechei a porta.

Marie Declercq: Quando a Carol me contou essa cena que ela viveu, eu lembrei na hora de uma coisa que eu tinha lido quando eu tava me preparando pra entrevistar ela. Na verdade é um termo psiquiátrico, que eu não conhecia: erotomania.

Erotomania é uma convicção delirante de que alguém que você mal conhece tá apaixonado por você. Tem casos documentados clinicamente, de gente que acredita que uma pessoa famosa, ou que uma pessoa muito distante gosta dela.

E aí ela começa a fazer de tudo pra conseguir algum tipo de contato.

Tanto homens quanto mulheres podem desenvolver essa condição – mas a escalada pra violência é muito mais comum em homens. Inclusive, tem dois casos bem famosos que podem estar ligados a erotomania.

Em 1981, o presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, sofreu uma tentativa de assassinato quando ele tava saindo de um hotel. Quem atirou nele foi um homem que queria ficar famoso pra chamar atenção... da atriz Jodie Foster.

Em 2016, a apresentadora Ana Hickmann foi feita refém por um fã obcecado num quarto de hotel em Belo Horizonte – junto com o hoje ex-marido e com o ex-cunhado dela. Talvez você lembre dessa história, e do fim trágico dela: o stalker foi morto pelo ex-cunhado da Ana.

Mas eu lembrei disso, da "erotomania", quando a Carol tava me contando essa parte da história, porque eu tinha lido que quem tá nessa condição psiquiátrica geralmente fica atrás de um sinal, de uma confirmação de que esse amor existe.

Naquela hora, a Carol tava achando que confrontar o stalker dela ia pôr um fim neste tormento de dez anos... mas, sem querer, ela acabou fazendo com ele subisse ainda mais o grau da perseguição. Ela falou o nome dele em voz alta. E isso materializou aquela obsessão.

Carol Garofani: Talvez tenha sido um tipo de vitória mesmo, do tipo: "não só eu estou aqui sofrendo tanto tempo, mas ela sabe quem eu sou". Então de repente, na cabeça dele, foi até um estímulo. Foi um gás para ele continuar. Pra, inclusive, aumentar a intensidade, subir o volume das coisas.

Marie Declercq: Depois de expulsar o cara da confeitaria, a Carol escreveu pros amigos dela, contando o que tinha acontecido...

Carol Garofani: E as pessoas começaram a entrar no Instagram dele, que eu não podia ver, que estava bloqueado, e ele já estava há uns dias postando coisas falando de mim.

Marie Declercq: Tava lá: fotos da Carol, com legendas românticas.

Fotos da confeitaria. Ele tava vivendo uma história de amor com ela, uma história de amor de um lado só. Não-consensual.

Só que, de novo, ele não tava "só" indo atrás da Carol. Ele tava perseguindo também as pessoas que faziam parte da vida dela.

Carol Garofani: No Instagram dele tinha – depois a gente foi ver, né? – tinha fotos na frente da casa dos meus pais. Dá para ver, reconhecer o muro. É uma foto, é uma selfie dentro do carro. Mas atrás dá para ver que é o muro da casa dos meus pais.

Marie Declercq: A Carol ficou bem abalada com tudo aquilo. Imagina. Só que não parou por aí.

Pra piorar, horas depois daquele encontro bizarro entre os dois... o cara mandou e-mails pra ela. Ameaçando ela de estupro. Foi a gota d'água.

Carol Garofani: E daí, no dia seguinte, era uma sexta-feira, foi que eu fui para polícia.

Marie Declercq: A Carol não foi sozinha procurar a polícia. Ela foi com uma advogada. Primeiro, as duas foram na delegacia de crimes cibernéticos.

Carol Garofani: E me falaram que não podiam fazer nada, porque eles só lidavam com casos anônimos.

Marie Declercq: O cara não era anônimo, né? Ela sabia quem ele era. Tinha o nome completo, o e-mail, tudo... Aí, as duas foram pra delegacia da mulher.

Carol Garofani: E me falaram que não podiam fazer nada porque eu não tinha um relacionamento com ele. Ele não era nada meu. Então eu tava num limbo.

Marie Declercq: Esse limbo deixou de existir em 2021, quando foi sancionada uma lei que tipificou a perseguição online e a offline no Código Penal.

Hoje em dia, perseguir alguém pode ser punido com até dois anos de prisão. Cometer o crime contra uma mulher é um agravante. Nesse caso, a pena pode ser de até 3 anos.

Mas ali, em 2018, ninguém sabia o que fazer com a Carol. Ela acabou indo pra uma delegacia comum.

Carol Garofani: Eu tenho pra mim que só funcionou porque as três pessoas que me atenderam na delegacia esse dia eram mulheres.

Marie Declercq: A Carol tava cansada de ouvir gente amenizando, falando que era exagero. Mas todas as mulheres que atenderam ela, ali na delegacia, levaram ela a sério.

Carol Garofani: Foi aí que eu consegui fazer um boletim de ocorrência, e daí minha advogada conseguiu uma medida protetiva em menos de 12 horas... dizendo que ele não podia se aproximar de mim, nem da minha família, nem dos meus locais de trabalho, e nem tentar nenhum tipo de contato comigo, por qualquer rede, ou pela internet, ou por qualquer e-mail, ou qualquer coisa.

Marie Declercq: A medida protetiva saiu no dia 11 de agosto de 2018.

Mas não demorou nada pro stalker violar.

No dia 14, ele apareceu de novo na confeitaria, na hora do almoço, perguntando pela Carol. Falaram que ela não tava. A advogada notificou a polícia de que ele tinha violado a medida protetiva... e nada.

E aí, umas horas depois, ele mandou um e-mail pra Carol... com uma foto de um pênis. A advogada da Carol avisou a polícia, de novo, que ele tinha violado a medida protetiva mais uma vez... e, de novo, nada.

Aí, no dia 17 de agosto, ele voltou na confeitaria.

Carol Garofani: Eu tava no escritório, que era no andar de cima, e uma das meninas subiu e falou: "Carol, fica em cima, ele está aqui". E, pelo que eu entendi, ele tava entrando sozinho, como se ninguém soubesse quem ele era. E o meu ex-marido saiu, e foi lá fora, e conseguiu parar ele. E – ele tava com a chave do carro na mão – conseguiu tirar a chave do carro dele, e pedir pra alguém da equipe chamar a polícia. E eu estava tão aterrorizada que eu não sabia nem o que fazer. Eu ficava só no andar de cima, andando de um lado pro outro, porque a polícia não chegava. Eu liguei pra minha advogada, liguei pro meu pai, liguei pros meus irmãos, liguei pros meus amigos, os meus amigos mais grandalhões e com cara de malvado que eu tivesse, que eu sabia que pudesse tá perto. Eu comecei a mandar mensagem para todo mundo que eu pudesse pra ir até a confeitaria. E, quando a polícia chegou – era um carro da Polícia Militar –, a minha advogada já tava lá embaixo. E ela falou: "Olha, tem uma medida protetiva, ele já violou dezenas de vezes e ele precisa ser preso", e o policial se recusou a prender. "Ah, mas ele não fez nada demais". O cara tá aqui, e ela tava com a medida protetiva na mão, o mandado de prisão na mão, e eles não queriam. Não sei, não sei por quê.

Marie Declercq: No fim, o stalker da Carol não saiu da confeitaria numa viatura. Ele saiu numa ambulância do SAMU, direto pruma clínica psiquiátrica.

Porque o advogado dele, que também apareceu por lá no meio dessa confusão, tinha protocolado provas de que ele tinha esquizofrenia e já fazia tratamento há alguns anos.

A família comprovou que tentava ajudar ele a conviver com a doença. Que ele tomava remédio. Que ele passava no psiquiatra, e tava fazendo acompanhamento com uma terapeuta. Mas... ele tava em surto. E a Carol virou o alvo desse surto.

Carol Garofani: E isso foi uma cena que demorou umas duas, três horas, talvez. Da polícia e dos atendentes do SAMU tentando convencê-lo a ir embora com a ambulância, de bom grado, e ele dizendo que não, que não, que não. Até que finalmente um dos policiais resolveu imobilizar ele. Derrubou ele no chão, e ele saiu amarrado na maca gritando um monte de coisas. E ele ficou internado por duas semanas. Mas, nessas duas semanas que ele ficou internado, eu tive um mínimo de paz, e achei que tinha acabado. Só

que ele não tava preso. Ele foi internado pela família. Uma clínica particular. E, deu duas semanas, acabou a cobertura do plano de saúde, e ele foi liberado. Imediatamente, no mesmo dia, ele começou tudo de novo.

Marie Declercq: As mensagens, os e-mails, os perfis falsos... começou tudo de novo. E aí, dessa vez, a justiça decidiu que ele deveria ser internado num complexo penal, pra receber tratamento pra doença. Em termos jurídicos, ele foi considerado parcialmente imputável.

Carol Garofani: Ele não entendia o porquê. E eu acho que aí é que está o ponto, ele não entendia. Então onde que tem que chegar? Se ele não entende... ele precisava ter o suporte não só da família, mas da parte médica do Estado, do seguro de saúde, quem fosse, não é responsabilidade minha. Mas ele teria que ter maneiras colocadas no lugar pra fazer— pra proteger ele, a mim ou a outras pessoas que ele poderia fazer a mesma coisa. Porque ele não está fazendo de propósito.

Marie Declercq: Porque ele tava vivendo numa realidade paralela.

Carol Garofani: Mas pode fazer um mal real.

Marie Declercq: Por causa dessa ameaça, desse mal real, a pedido do Ministério Público, o juiz determinou que o stalker da Carol ficasse internado no Complexo Médico Penal do Paraná por um pouco mais de um ano. E aí, finalmente, a história de perseguição chegou ao fim.

Ele nunca mais procurou a Carol, e a Carol nunca mais foi atrás de informações sobre ele. Ela teve que tocar a vida depois disso – mas ela nunca mais foi a mesma pessoa.

Carol Garofani: Eu nunca fui uma pessoa extremamente aberta, extremamente exposta, de ficar falando o que eu tava sentindo, ou de dar detalhes da minha vida, da minha família, dos meus amigos. Mas mudei muito, porque é um terror tão abjeto que eu não sei se eu consigo descrever essa sensação de observação, que não é igual você saber que as pessoas estão acompanhando sua vida nas redes sociais de uma maneira passiva, porque ultrapassa o limite, de uma maneira que eu acho que só mulheres conseguem entender.

Marie Declercq: É um tipo de violação. E, infelizmente, disso... a gente, que é mulher, entende.

Pra mim, essa história que a Carol viveu é um filme de terror. Tanto que ela disse pra mim que espera que essa seja a última vez que ela conta essa história.

Carol Garofani: Agora todo mundo que me perguntar dessa história, vou mandar ouvir o episódio.

Marie Declercq: Eu vejo a Carol como uma espécie de *final girl*. Esse é um termo que foi usado pela primeira vez num livro sobre gênero no cinema moderno de horror, escrito pela americana Carol J. Clover.

Analisando alguns dos grandes clássicos do terror, a Carol J. Glover definiu o arquétipo da *final girl*, a garota final: a última mulher a sobreviver ao horror. Aquela que fica pra contar a história. A personagem com quem, aos poucos, o espectador vai se identificando mais e mais.

Normalmente, ela é uma mulher esperta. Curiosa. Uma personagem que nunca vai fazer nada que vai te dar vontade de falar "não, não faz isso". Ela não vai entrar naquele corredor escuro.

E é por isso que a gente gosta dela. Porque ela é perfeita. Enquanto a gente tá ali, com aquele "tá vendo... bem feito" engatilhado, na ponta da língua, a *final girl* cala a nossa boca.

No final, ela sobrevive, e a gente respira aliviado – porque ela – e nós – estávamos certos. Mas entre a sétima arte e a vida real tem uma distância. E cobrar essa clareza e essa reação impecável das vítimas pra ter algum tipo de "final feliz", entre muitas aspas, não faz o menor sentido.

E ver o quão longe esse terror da Carol chegou me deixou pensando sobre aquelas mulheres que, assim como as personagens dos filmes de terror, ficam pelo caminho.

Se ela, a *final girl*, saiu tão machucada... o que que acontece com o resto de nós?

Branca Vianna: Essa foi a Marie Declercq, colaboradora da Rádio Novelo.

No segundo ato do episódio de hoje, tem um homem que foi perseguido ao longo de décadas.

E, quando ele foi investigar o porquê, ele acabou virando uma metrópole do avesso – e descobrindo um mundo enterrado vivo. Quem conta pra gente é a Bárbara Rubira.

ATO 2 - A VINGANÇA DOS RIOS

Bárbara Rubira: Primeiro, me diz onde que a gente tá.

Louis Robin: A gente tá aqui na 9 de julho, embaixo do viaduto...

Bárbara Rubira: Júlio de Mesquita Filho.

Louis Robin: Júlio de Mesquita Filho.

Bárbara Rubira: O viaduto Júlio de Mesquita Filho fica na Bela Vista, região central de São Paulo.

Bárbara Rubira: Por ali, mais ou menos?

Louis Robin: Ah, foi ali.

Bárbara Rubira: E esse que tava ali comigo é o Louis Robin.

O Louis é diretor e produtor audiovisual, e ele trabalhou por muitos anos como técnico de som direto pra cinema. Ele fez o som de filmes como *O Invasor*, *Amarelo Manga*, *Quanto Vale ou É por Quilo?*...

Louis Robin: Quer ir mais pra lá?

Bárbara Rubira: Pode ser!

Louis Robin: É que eu sou obcecado por gravar ambiente, quando tem um ambiente diferente, eu gravo, daí dá pra editar.

Bárbara Rubira: O Louis tem essa experiência toda, mas quem tava operando o gravador nesse nosso passeio, umas semanas atrás, era eu mesma. Então qualquer coisa, pode reclamar comigo.

O Louis não tava ali a trabalho, pra captar o som. Ele tava ali pra me contar uma história. Uma história que aconteceu com ele. Ali mesmo, na avenida 9 de Julho, embaixo do viaduto Júlio de Mesquita Filho.

Louis Robin: E nesse lugar, numa madrugada do final do ano de 1982, eu estava aqui esperando o meu ônibus depois de trabalhar.

Bárbara Rubira: A 9 de Julho é — e já era, em 82 — uma avenida super movimentada. Mas, de madrugada, não é lá um lugar muito seguro pra ficar esperando um ônibus, carregando equipamentos de som caríssimos.

Só que esse episódio que o Louis tá contando aconteceu antes de ele começar a trabalhar com cinema. É de quando ele era mais novo, e trabalhava na noite.

Louis Robin: Eu trabalhava na noite. Eu vendia pôster, poemas que um amigo meu fazia. E as baladas daquela época em São Paulo eram na Rua 13 de Maio, no Bixiga. Então, esse era o ponto de ônibus mais próximo onde passava o meu Ceasa, o meu 6262, que me levava para casa. E que eu voltava junto com os peixeiros do Ceasa, que iam pegar no batente, e eu voltando do meu trabalho. E eu estava aqui esperando.

Bárbara Rubira: Tinha chovido muito, a noite toda. Naquela hora, de madrugada, já tinha parado — mas tinha poça pra todo lado, e o Louis tava ali, no ponto, tentando se esquivar da água que espirrava quando os carros passavam.

Louis Robin: E de repente eu vejo abrir o asfalto na minha frente, ali onde tem aquele canteiro ali. O asfalto abre e um jato de água de cinco, seis metros de altura.

Bárbara Rubira: Era tipo um chafariz, no meio do asfalto. Ou então um gêiser em erupção.

Louis Robin: O asfalto abriu que nem gelatina. Foi uma cena impressionante.

Bárbara Rubira: Se o Louis tivesse carregando equipamentos de som, provavelmente ele teria gravado a cena. Se ele tivesse com um celular no bolso, como a gente tava quando passou por ali quarenta anos depois, ele teria filmado, fotografado. Em 82, não deu pra registrar. Mas a memória dessa cena ficou marcada pra sempre na memória dele.

Louis Robin: E é uma noite inesquecível, nunca esqueci isso. Me marcou pra vida.

Bárbara Rubira: Naquela noite, o Louis tomou o caminho de casa, no ônibus com os peixeiros do Ceasa, sem saber direito o que que ele tinha testemunhado.

O primeiro instinto dele foi pensar que podia ser algum pepino pra Sabesp, a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo.

Foi só um tempo depois que ele foi entender o que era, de fato, aquela água que ele viu *jorrar* do asfalto.

Era um rio. O rio Saracura.

O Saracura nasce no bairro da Bela Vista, bem perto da Avenida Paulista. Ele desce pelas ruas do Bixiga e segue o caminho dele ali, embaixo do que hoje é a avenida 9 de Julho. A avenida foi construída em cima do rio.

E aquele jato de água, brotando do chão feito um chafariz, era, na verdade, o rio tentando escapar lá de baixo, depois de uma noite chuvosa.

O Louis quis me contar essa história, que marcou ele pro resto da vida. Primeiro, pela imagem tão impactante. Mas também porque foi o primeiro encontro dele com os rios enterrados da cidade de São Paulo. Foi o primeiro encontro – mas tava longe de ser o último. Porque aquela história marcou, pra ele, o início de uma perseguição.

Louis Robin: Ó, o 6262 lá!

Bárbara Rubira: Olha, é ele mesmo!

Louis Robin: Indo em direção contrária, essa aí...

Bárbara Rubira: Tá indo em direção ao centro, em direção à Praça da Bandeira.

Louis Robin: Vamos pra lá então?

Bárbara Rubira: Vamos.

Louis Robin: Rumo à Praça da Bandeira. Um pouco depois dessa história que eu contei, da 9 de julho, que o rio se mostrou na minha frente... Eu li um artigo que eu nunca encontrei.

Bárbara Rubira: Eu, aliás, também já fuzei, e não consegui encontrar. Quem sabe algum ouvinte consegue ajudar a gente com essa.

Louis Robin: Era um artigo que provavelmente saiu em algum jornal diário da cidade. Ou a Folha, ou o Estadão, ou o Jornal da Tarde, que eram os jornais que eu lia na época.

Bárbara Rubira: Isso teria sido no final dos anos 80, ou no início dos anos 90, pelas memórias do Louis.

Louis Robin: Ele citava uma série de crimes que aconteceram na cidade – crimes que causaram grande impacto na cabeça das pessoas da cidade, e que esses crimes estariam ligados a uma suposta maldição da cidade por ter enterrado seus rios.

Bárbara Rubira: Crimes e tragédias famosos — ou infames — que estariam ligados a uma suposta maldição. Uma maldição que teria a ver com a proximidade de um rio.

Louis Robin: Bom, pra localizar a gente. A gente está aqui na Praça da Bandeira, nas esquinas da 9 de Julho com a Rua Santo Antônio. E em frente ao Edifício Joelma.

Bárbara Rubira: Se você é ouvinte fiel do Rádio Novelo Apresenta, você deve se lembrar que a gente já falou por aqui sobre o incêndio do edifício Joelma. No episódio "Questões de fé", a gente conta a história das supostas 13 almas que teriam morrido no elevador do edifício — e da devoção que elas inspiram até hoje. Se você não ainda não ouviu esse episódio, quando acabar esse aqui, corre lá — é o "Questões de fé".

Bom, mas mesmo que você não tenha ouvido o episódio, eu imagino que você já tenha pelo menos ouvido falar do incêndio do Edifício Joelma.

Em fevereiro de 1974, uma pane elétrica causou um incêndio que matou mais de 180 pessoas — e deixou mais de 300 feridas.

Louis Robin: É um edifício que marcou a história da cidade porque foi o segundo maior incêndio em edifício das Américas. Só fica atrás do World Trade Center.

Bárbara Rubira: O segundo maior incêndio em um arranha-céu nas Américas, e o terceiro maior incêndio registrado no Brasil, em número de vítimas.

O incêndio do Joelma era uma das tragédias citadas naquele texto no jornal.

Mas o texto também citava um caso mais antigo, e muito próximo também ali da Praça da Bandeira – e do Joelma: na mesma altura da Rua Santo Antônio, no centro de São Paulo, em 1948, um jovem professor de química assassinou a mãe e as duas irmãs a tiros, e enterrou os corpos no poço da casa onde eles moravam.

Louis Robin: É uma história trágica. É uma história que envolve família e ninguém sabe a razão.

Bárbara Rubira: O caso ficou conhecido como "*o crime do poço*". E a coincidência das duas tragédias no mesmo endereço serviu pra alimentar fama de mal assombrado do Joelma.

Mas, naquele artigo que o Louis leu no jornal, a tese da assombração era mais antiga. E mais profunda.

Louis Robin: Ali onde é o crime do poço, é uma esquina de rios. Aqui, como a gente viu bem, a gente percorreu aqui a 9 de julho, é o Rio Saracura. Aqui na nossa frente, onde é o prédio hoje da Assembleia, por baixo corre o rio do Bixiga. Ele vai desaguar aqui. Aqui, ele vai encontrar com o Saracura. E um pouco mais adiante tem um outro rio chamado Itororó. Quer dizer que isso aqui é uma confluência de rios.

Bárbara Rubira: É a confluência desses rios que, bem ali, onde hoje fica hoje a Praça da Bandeira, forma o Rio Anhangabaú. É o rio que dá nome ao Vale do Anhangabaú, cartão-postal do centro de São Paulo.

Mas se você já passou por ali nos últimos tempos (tipo, desde o final do século 19) você não viu rio nenhum – nem o Anhangabaú, nem nenhum dos afluentes que o Louis mencionou. Os rios tão ali, mas eles foram tamponados. Enterrados. Hoje, eles correm por baixo da terra. Por baixo dos carros, do asfalto, da cidade. Eles estão ali, mas estão escondidos.

E, segundo aquele artigo que o Louis lembra de ter lido no jornal... Esses rios enterrados teriam deixado uma "maldição". Uma maldição que estaria por trás de crimes e tragédias que aconteceram ali perto.

O artigo citava também outros crimes famosos, como o da Rua Cuba, e o do castelinho da Rua Apa, que aconteceram em outras épocas, em outros bairros de São Paulo.

Embaixo da rua Cuba, tem o córrego Iguatemi.¹ E passando na esquina da rua Apa, tem um afluente do córrego Anhanguera.

Será que por trás desses crimes brutais e inexplicáveis estavam as energias malévolas de rios aprisionados debaixo do concreto? A gente tem medo de alma penada – mas e de curso hidrográfico penado?

Louis Robin: É uma viagem, né? Mas aquilo impactou de alguma forma em mim. Porque...

Bárbara Rubira: O Louis me disse que ele não se considera uma pessoa supersticiosa. Mas ele também não é um cara completamente cético. E por algum motivo, aquele artigo deixou ele muito impressionado. Ele nunca conseguiu esquecer a ideia da maldição dos rios.

Louis Robin: Eu sentia que tinha alguma coisa ali, que era alguma coisa estranha.

Bárbara Rubira: Conta pra mim onde a gente tá.

Louis Robin: Bom, nós estamos no bairro da Pompeia, distrito de Perdizes. Pra te dizer a verdade, como eu morei aqui, eu sei bem, isso aqui chama "Campos da Escolástica".

Bárbara Rubira: Em 1994, o Louis se mudou pra uma casa na Pompeia, zona oeste de São Paulo.

Louis Robin: A casa era velha, eu achei por bem que eu devia fazer uma reforma geral na parte elétrica e hidráulica, que era tudo muito antigo, e contratei um empreiteiro que trabalhava pra minha família, o Seu Ademar. E o Seu Ademar chegou para mim um dia e falou: "Seu Louis, o senhor vai querer que ligue o esgoto?" Eu falei: "Como assim, seu Ademar, ligar o esgoto, o que que é isso?" Ele falou: "Não, porque o seu esgoto está indo na água pluvial". Eu falei: "Na água pluvial? Isso não pode. Isso

¹ https://hezbollaho.carto.com/viz/61f2d082-5c01-11e5-8050-0e73ffd62169/public_map

aí, eu vou ser multado". Eu falei: "Então vamos, vamos ligar o esgoto". "Ah, e tem mais uma coisa. Sabe essa infiltração que tem aqui nessa parede aqui?" Eu falei: "O que que é, seu Ademar?" Ele falou: "É uma nascente". Aí eu, como já vinha com aquela história dos rios, da água, eu falei: "Ai, meu Deus!"

Bárbara Rubira: Tinha uma nascente no terreno. Por baixo do quintal da casa, bem perto de onde o Louis guardava o carro, todos os dias.

O Louis ficou muito incomodado com isso. Não só pela infiltração — que, claro, já era um problema enorme que ele ia ter que resolver pra morar ali... Mas o que mais incomodava ele era o que a presença da nascente podia significar pra além das questões práticas.

Já fazia alguns anos desde que ele tinha lido aquele artigo, que ligava os rios a uma maldição. Mas ele lembrou dessa história imediatamente quando o Seu Ademar falou da nascente.

E não parou por ali. Logo depois, um vizinho comentou com ele que tinha um pequeno córrego que passava ali do lado.

Louis Robin: Tá sem água. Mas é a gota de água que junta ali nas nascentes e vem pra cá.

Bárbara Rubira: E aí, pra piorar...

Bárbara Rubira: É bem em frente à praça mesmo.

Louis Robin: Praça Homero Silva. Hoje ela é mais conhecida como a Praça das Nascentes.

Bárbara Rubira: A Praça das Nascentes. Bem em frente à casa.

Louis Robin: Em vários lugares aqui tem nascentes. Eles se juntam todos para formar o Água Preta.

Bárbara Rubira: Quando se mudou pra lá, o Louis não sabia desse apelido da praça. Naquela época, aliás, a praça era bem diferente. Hoje tem parquinho pra criança, mesa de xadrez, aqueles equipamentos de "academia ao ar livre", muito voltados aos idosos... Quando eu e o Louis passamos por lá, num dia de semana, à

tarde, tinha bastante gente passeando com cachorro também. Mas, naquela época...

Louis Robin: Ela praticamente não tinha árvores, era só um mato alto e a gente tinha medo. Uma vez, tinha até um... Tinha um crime! Olha que coisa louca! Nem tinha me lembrado disso. Tinha uma pessoa morta na praça. A gente tinha medo de subir nessa praça. Eu vou te falar, eu morei aqui seis anos, eu nunca entrei nessa praça, eu acho. De medo.

Bárbara Rubira: Depois de um tempo, esse medo que o Louis sentia da praça foi se justificando. Primeiro, porque o clima na vizinhança começou a desandar: tinha muita briga entre os vizinhos... Depois, a casa onde o Louis morava começou a ser alvo constante de assaltos. A casa foi invadida várias vezes, e um monte de coisa foi roubada.

Louis Robin: Eu já estava começando a trabalhar com som direto, tinha muito equipamento em casa. Quando eu ia viajar, eu levava equipamento pra casa da minha mãe. Era um trabalho insano. Eu guardava as coisas lá porque tinha medo de deixar a casa sozinha.

Bárbara Rubira: O Louis começou a achar, de fato, que o lugar tava amaldiçoado. Que a nascente do terreno e as outras águas ali do entorno traziam, realmente, "maus fluidos". E que isso tava afetando a vida dele ali. Tem gente que acha bad vibes morar perto de cemitério. O Louis tava sentindo isso com as nascentes enterradas ali. Só que as nascentes tinham sido enterradas vivas.

Louis Robin: Eu tinha reforçado muitas trancas, tinha grades, aquela coisa, a gente vai se trancando dentro da casa.

Bárbara Rubira: Ele ficou por alguns anos naquela casa da Pompeia, até que a situação ficou insustentável. E ele decidiu ir embora dali.

Louis Robin: Eu quis ir embora de lá. E eu vim morar aqui na Santa Cecília, uma área urbanizada. Não tinha rio, nenhum à vista.

Bárbara Rubira: Parecia que o Louis tinha conseguido escapar da maldição dos rios enterrados... e essa história de maldição dos rios ficou dormente por uns anos na cabeça dele.

Louis Robin: E aí, qual não foi minha surpresa, quando eu vou numa reunião de condomínio e as pessoas me falam: "Não, mas o rio que passa aqui embaixo...". Eu falei: "Não. Como assim? Que rio que passa aqui embaixo?" Então vamos lá. Vou te mostrar.

Bárbara Rubira: A gente tá no segundo subsolo do prédio. Uma garagem de condomínio, carros em volta da gente. E tem uma tampa aqui.

Bárbara Rubira: Uma tampa metálica, no chão. Quase como um alçapão.

Louis Robin: É meio sinistro, né? As paredes de tijolo, assim.

Bárbara Rubira: E é estreito.

Louis Robin: É estreito.

Bárbara Rubira: É como um poço bem estreito. Caberia uma pessoa só. Eu não vejo o fundo.

Louis Robin: Ah, vem ver.

Bárbara Rubira: Ah, agora eu to vendo a água!

Bárbara Rubira: Eu só consegui ver direito, lá no fundo, depois de iluminar com a lanterna do celular. Uma corrente de água, passando alguns metros pra baixo do subsolo do prédio.

Bárbara Rubira: Quanto você acha que tem profundidade?

Louis Robin: Uns quatro metros.

Bárbara Rubira: Talvez. Eu sou terrível com isso.

Bárbara Rubira: É um córrego. Um curso d'água, passando embaixo da casa dele. De novo.

Bárbara Rubira: Como foi quando ele entrou, abriu e você viu a água? O que você sentiu?

Louis Robin: Constatei que não tinha jeito. Os rios me perseguem mesmo. [risos] Todo lugar que eu vou morar tem um rio embaixo.

Bárbara Rubira: Bom, aí vai uma confissão: Eu me interessei por essa história, quando o Louis Robin escreveu pro nosso e-mail aqui do Rádio Novelo Apresenta, porque já tem alguns anos que eu também moro em cima de um rio. O mesmo rio,

aliás, que marca o início dessa "perseguição". Aquele que "se mostrou" pro Louis na avenida 9 de Julho, entrando em erupção no meio do asfalto: o Saracura.

E se você não soubesse que tinha um rio embaixo da minha rua, talvez você achasse que ela tava possuída. Porque nas épocas mais chuvosas, desliza uma encosta... Ou então um pedaço do asfalto cede, criando praticamente uma cratera... o pessoal mal fecha, e abre outro. É tipo uma ferida que não sara. É um drama que eu acompanho sempre que eu piso fora de casa. Então... eu também sou parte interessada nessa história.

Bárbara Rubira: Eu também moro em cima de um rio *[risos]*.

José Bueno: É muito provável que muita gente mora em cima de rio em São Paulo, né, claro. A gente tá falando de uma cidade que tem oficialmente 300 riachos, córregos, cursos d'água.

Bárbara Rubira: Esse é o Zé Bueno.

José Bueno: Eu sou um arquiteto e urbanista, que me nomino "arquiteto social" ou "urbanista social" por tratar de uma arquitetura feita com as pessoas, de discutir a cidade com as pessoas e muito mais na rua do que nas pranchetas. A minha gatinha tá presente aqui, acompanhando nossa conversa.

Bárbara Rubira: *[Risos]* A gente deixa um adendo pros ouvintes.

José Bueno: Um miauzinho da Juju!

Bárbara Rubira: O Zé me recebeu na casa dele, no Butantã, zona oeste de São Paulo. E lá perto, aliás, ele também teve um "encontro" memorável com os rios de São Paulo.

Muito perto de onde ele mora, ele descobriu as várias nascentes do que hoje ele chama de Riacho Iquiririm. Um encontro e uma descoberta que ele fez junto com o geógrafo Luiz de Campos.

José Bueno: Fui apresentado ao Luiz, que é um geógrafo apaixonado pela temática da cidade, dos rios, e quando ele me fala que São Paulo tem uma infinidade de rios, que a qualquer 200, 300 metros que você andar pela cidade, você encontra um

rio, eu fiquei meio desapontado com a minha ignorância, de não ter a menor ideia. Nunca tinha ouvido falar nisso, né? De que a gente vive numa cidade, uma metrópole fluvial, com 300 rios.

Bárbara Rubira: Juntos, o Zé e o Luiz criaram o "Rios e Ruas", um projeto que tem o objetivo de transformar a relação entre as pessoas e as águas da cidade.

José Bueno: A gente chamou de "Rios e Ruas". A gente tá falando sobre rios que vivem sob ruas. Eu brinco que a gente herdou uma cidade que é rios *ou* ruas. Se tem rio, não pode ter rua, se tem rua, não pode ter rio. E quem ganha essa brincadeira, quem tem ganhado são as ruas. E colocado essas águas para debaixo.

Bárbara Rubira: Essa oposição — de rios *ou* ruas — não é de hoje. Mas ela é, por si só, uma contradição. Porque se não tivesse um rio aqui, não tinha rua nenhuma. Aliás: não tinha cidade nenhuma.

O que hoje é a cidade de São Paulo foi fundado a partir do ponto de encontro entre o Rio Anhangabaú e o Rio Tamanduateí — conhecido também, à época, como rio Piratininga. E não foi por acaso. Os rios tinham o papel importante de servir como rota de transporte – de pessoas e mercadorias. E eles também sempre foram fonte de água e de irrigação pra produção de alimentos.

Quer um exemplo? Talvez você conheça a ladeira Porto Geral, ali perto da rua 25 de Março – o grande fervero comercial do centro de São Paulo. Então, a ladeira Porto Geral não tem esse nome à toa. Era lá que atracavam barcos e canoas carregados de produtos, vindos pelo rio Tamanduateí, que deságua no rio Tietê — esse sim, talvez o primeiro nome que vem à cabeça até hoje quando a gente pensa nos rios de São Paulo, junto com o Pinheiros.

Foi por causa dos rios que a cidade foi fundada onde ela tá.

José Bueno: Mas, num certo momento, essas águas começaram a ser percebidas como um problema para o seu desenvolvimento.

Bárbara Rubira: Os rios passaram a ser tratados como obstáculos. O Tamanduateí foi canalizado, perdeu as curvas dele. Como aconteceu também com o Tietê e com o Pinheiros.

Outros rios, como o Anhangabaú e o Saracura, foram tamponados. Enterrados, escondidos embaixo da cidade.

José Bueno: Não foi uma pessoa má, perversa, que cobriu, soterrou esses rios. Foi a resposta a uma cultura. E não foi só o Brasil, só São Paulo que optou por canalizar, retificar, tamponar. Foi uma época onde isso parecia ser bom. Uma época da engenharia do aço, do corpo, do concreto, do automóvel, de cimento... A gente herdou, assim, uma cultura desenvolvimentista muito bruta. Mas que foi associada ao bem-estar. Uma cidade sem rios é uma cidade mais saudável, uma cidade menos sujeita a doenças, né?

Bárbara Rubira: Hoje, no "Rios e Ruas", o Zé Bueno trabalha pra tentar transformar, pouco a pouco, essa cultura. Porque, no fim das contas, os rios ainda tão aqui. A maior parte deles, na maior parte do tempo, tá invisível.

Mas, de vez em quando, eles dão um jeito de fazer a gente lembrar deles, né? Cada vez que chove muito em São Paulo... e a rua alaga, o asfalto cede... Nem sempre é uma cena tão dramática quanto um chafariz de madrugada no meio da avenida 9 de Julho, mas eles tão aí, contra-atacando.

Nessas horas, os rios parecem presenças malévolas, ameaçadoras... monstros arrebrandando o asfalto e engolindo carros e casas. Mas – e essa *na verdade é a conclusão de tantos filmes de terror* – será que não foi a gente que criou esse monstro? Não é bem que os rios tão embaixo da gente. É a gente que tá em cima deles.

José Bueno: A gente vai continuar canalizando, tamponando, retificando, tomando esses rios como algo que tem que estar longe da nossa convivência? Ou a gente tem uma aprendizagem, tem que saber lidar com esses processos naturais? E a gente vem contando com a visão de trazer outra qualidade de futuro, onde as águas não sejam – continuem a ser desprezadas como um problema urbano, como algo que tem que ser domado. Algo que tem que ser eliminado, algo que tem que ser retirado da paisagem porque impede o desenvolvimento. Não, pode haver uma cidade de desenvolvimento inclusivo onde essas águas sejam não um problema, sejam uma solução pra cidade por vários motivos, não só ambientais.

Bárbara Rubira: Até tem cidades mundo afora que têm feito esse movimento de reabertura de rios e córregos: na Coreia do Sul, na Suíça...

Mas é claro que não é assim, tão simples. É preciso muito planejamento, muito investimento... E mais do que tudo, uma mudança de cultura. Porque, afinal, se os rios tiveram que dar lugar ao asfalto, aos carros... pra reverter esse cenário, o asfalto e os carros iam precisar devolver o espaço pras águas.

E a nossa relação com as águas também ia precisar mudar. Porque não adianta reabrir um curso d'água e transformar num esgoto a céu aberto, né? Pra isso ser possível um dia, é fundamental pacificar a nossa relação com os rios.

José Bueno: É uma baita utopia, é o que me move. Eu não sei se vou ver esses resultados, mas quando eu falo em naturalizar a cidade, a gente tá falando em humanizar a cidade.

Louis Robin: Na verdade tem uma questão – além do místico, tem uma questão, uma dimensão humana dessa nossa desconexão com a natureza, que eu acho que a gente tem que repensar na vida da gente.

Bárbara Rubira: Esse, de novo, é o Louis Robin. Que, por muitos anos, se sentiu perseguido, amaldiçoado pela presença dos rios. Mas quando ele descobriu esse último — esse córrego que corre por baixo do condomínio onde ele mora — ele decidiu levantar a bandeira branca.

Louis Robin: O que eu faço? Continuo mudando de lugar? Não. Eu não vou sair daqui por causa do rio. E, se eu for sair, vai ser para algum lugar que tem um rio perto, que não tem jeito. Só se eu não ficar em São Paulo.

Bárbara Rubira: O Louis entendeu que era melhor tentar subverter essa "maldição". Porque — aliás — não tem maldição nenhuma, né?

Louis Robin: O que acontece em São Paulo é que a cada, no máximo 300 metros, você esbarra no rio. Então, é impossível que uma morte violenta ou uma morte pacífica, ou um nascimento, ou um casamento, um namoro... Tudo acontece perto de um rio em São Paulo. Não existe não acontecer isso em São Paulo, não ter um rio perto quando qualquer coisa

acontece na cidade, desde o nascer do sol até o que você imaginar. Mas enfim, eu acho que a minha postura hoje é tentar encontrar com os rios e tentar estabelecer uma relação com eles e não ficar fugindo, porque não adianta.

Bárbara Rubira: Essa tentativa de reestabelecer uma relação com os rios tem aparecido muito no próprio trabalho do Louis.

Há alguns anos, o Louis produz o "Espaço Sonoro", programa que explora a cidade de São Paulo através dos sons. O programa foi transmitido pela Rádio Cultura, e tá disponível em formato podcast. O link tá lá no post desse episódio site da Novelo.

No "Espaço Sonoro", os rios são personagens frequentes. E o pessoal do "Rios e Ruas", por exemplo, já apareceu por lá.

Louis Robin: A gente não pode ter a ilusão de que esses rios vão voltar. A gente tem que reconectar esses rios na vida da gente, eu acho. Saber que ele está lá, ressignificar ele de alguma forma, pintar um chão de azul como se fosse ele passando ali embaixo, entendeu? Acho que isso é parte dessa reconciliação.

Bárbara Rubira: Agora, o Louis quer investigar mais a história desse rio que passa embaixo da casa dele. Pra começar esse processo de reconciliação, ele até deu um nome pra ele: o Louis é corintiano, mas decidiu chamar de córrego das Palmeiras, a inspiração é a chácara das Palmeiras, que um dia existiu ali, e uma rua de mesmo nome que passa ali perto.

Louis Robin: Eu acho que esse rio é uma oportunidade pra mim, me reconciliar com essa história, entendeu? Esse trabalho com esse rio vai apaziguar a minha angústia dessa coisa, dessa água aprisionada, né?

Bárbara Rubira: Fez as pazes com a assombração?

Louis Robin: Sim, sim. A gente é, a gente está nesse planeta, é a nossa casa. E o rio faz parte dela, é a nossa veia, o nosso sangue, nossa família.

Branca Vianna: Essa foi a Bárbara Rubira, produtora da Rádio Novelo.

Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Na página desse episódio no nosso site, a gente vai deixar um link pra você ouvir o “Espaço Sonoro”, o programa do Louis Robin sobre os sons de São Paulo, um mapa do mundo hidrográfico escondido da capital, e também mais algumas leituras e referências sobre stalking.

Na plataforma onde você tá ouvindo esse episódio, dá pra seguir o Rádio Novelo Apresenta pra não perder nenhum episódio. Você pode se inscrever no canal da Novelo no YouTube, seguir a gente no Spotify, no Apple Podcasts, favoritar na Deezer... E sempre dá pra dar cinco estrelas pra gente na Apple ou no Spotify também.

Se você quiser falar com a gente, é só marcar @radionovelo no Twitter ou no Instagram, ou mandar o bom e velho e-mail pra apresenta@radionovelo.com.br.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux.

A produção executiva é da Marcela Casaca, e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães, a Sarah Azoubel e a Carol Pires.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, a Júlia Matos, a Ashiley Calvo e a Carol Moraes.

A checagem deste episódio foi feita pelo Bruno Lima e pela Caroline Farah.

Nesse episódio, a gente usou música original de Chico Corrêa, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

A nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

E a nossa estagiária é a Isabel de Santana.

Obrigada, e até a semana que vem.